



CORPO DE DELITO

Epístola de São Paulo

“Um ‘tá cheirado, aquele ‘tá maconhado, outro ‘tá pirado. Que vai fazer? Jesus aceita todos!”



Rui Patrício

Há dias assim. Dias bons, ou dias em que só notamos as coisas boas ou em que sentimos tudo como bom. E não são necessariamente dias marcados no calendário para isso, como o Natal ou o ano novo – dias da ditadura da bondade e da alegria, respectivamente. Neste caso, o dia foi entre aquelas duas datas, um dia como outro qualquer, e numa cidade gigantesca, complexa, tida como difícil, agressiva e insegura – São Paulo. Contudo, esse dia viajou entre quatro pontos cardeais virtuosos, entre manifestações de virtudes, da madrugada à noite, passando pela manhã e pela tarde. Há dias assim, ou há dias em que estamos assim; dias em que estamos mais despertos, em que vemos melhor, em que os detalhes nos oferecem o seu significado.

De madrugada, entre o Aeroporto de Guarulhos e o centro da cidade, entalados no trânsito da metrópole gigante, há tempo e espaço para Wilson, o motorista, parar o automóvel por momentos e ajudar no socorro a um camião sinistrado. Bondade, fraternidade. De manhã, a poucos metros da Paulista, no cruzamento entre a Haddock Lobo e a Santos, no passeio que acompanha os prédios com gradeamentos e seguranças vistosos, o turista não resiste à fotografia e pede a duas senhoras que lha tirem. Elas acedem, fácil e amavelmente, e decidem entre elas qual a que tem mais jeito para fotografar. E entabulam logo uma curta mas simpática conversa com o turista. São irmãs, Vilma e Alice, têm muita idade, mas mal se nota. O andar lento, apoiadas uma na outra, denuncia. Mas os cabelos alinhados, sem qualquer traço de branco, os olhos escuros largos e sobretudo a alegria com que falam com o turista – abrindo as vogais, naquele jeito brasileiro doce e cantado – disfarçam a sua muita idade. Cinco minutos, entre fotografia e conversa, são suficientes para ver a bondade, a simpatia, a alegria, a força. À tarde, no Parque Ibirapuera, sob

o calor estival do hemisfério sul, um homem circula entre o portão n.º 10 e o paraíso dos skaters e dos joggers e fala sozinho, fala alto, fala para ninguém e para todos. E o turista ouve-o dizer, sobre as personagens que, entre muitas outras, se podem encontrar no parque: “Um ‘tá cheirado, aquele ‘tá maconhado, outro ‘tá pirado. Que vai fazer? Jesus aceita todos!” Liberdade, aceitação, bondade, igualdade. Mesmo com a mediação de Jesus, virtudes quase cardeais saem da boca do homem de barbas longas e andrajoso, que fala sozinho e para todos.

À noite, um pouco longe dos centros velho e novo, em Vila Mariana, circula um automóvel, lânguido, que leva escrito atrás, em letras grandes e vistosas, o remate do dia. Leva escrito, com humor e alegria (virtudes sem as quais o dia não seria tão bom): “Eu não sou o dono do mundo, mas tenho crédito com ele.” E o turista, enquanto caminha na noite paulista, quase a encerrar o seu dia de viagem pelos quatro virtuosos pontos cardeais, já meio tocado pelo calor e pelo jeito de falar do hemisfério sul, pensa: Que vai fazer? Há dias assim. Até em São Paulo.
Advogado. Escreve ao sábado



Há dias mágicos na grande cidade de São Paulo